FORMAÇÃO DOCENTE E PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA: O QUE NOS ENSINAM OS ESTUDOS QUEER?

Georgeton Correia[1]
Viani da Silva Soares[2]

Eixo 2 – Formação de professores/as, Saberes e Fazeres docente na Educação Básica e necessidades socioeducativas contemporâneas

Resumo

O texto aborda a interseção entre Estudos Queer, decolonialidade e formação docente, destacando a crítica aos sistemas colonialistas que estruturam normas de gênero, sexualidade e poder. Ligados aos movimentos LGBTQIAPN+, os Estudos Queer são apresentados como aliados para desestabilizar normatividades e promover epistemologias e práticas decoloniais na educação. A análise parte de um levantamento na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), a partir das expressões booleanas "Estudos Queer" AND "Escola" e "Estudos Queer" AND "Formação Docente", resultando em 28 trabalhos (8 teses e 20 dissertações) publicados desde 2019. A análise possibilitou a identificação de três blocos temáticos: (1) discussões sobre corpo, infância e performatividade, destacando o conceito de gênero como ato performativo; (2) tensionamentos à cisheteronormatividade, entendida como dispositivo de controle que regula corpos, afetos e subjetividades; e (3) articulações entre epistemologias críticas, decoloniais e formação docente, que buscam romper com os epistemicídios e com a colonialidade do saber, do ser e do poder. Os resultados revelam que os Estudos Queer oferecem ferramentas teórico-metodológicas importantes para a construção de práticas pedagógicas comprometidas com a justiça social, a diversidade e a desconstrução das violências normativas. Defende-se, portanto, a necessidade ética, política e pedagógica de incorporar essas discussões na formação docente, de modo a promover espaços escolares mais inclusivos e emancipatórios.

Palavras-chave: Estudos Queer. Decolonialidade. Formação Docente. Gênero e Diversidade.

Introdução

As discussões sobre decolonialidade frequentemente se articulam a partir da crítica aos dispositivos moderno/coloniais de dominação, que historicamente organizaram o mundo com base em sistemas de racialização, epistemicídio, expropriação e controle dos territórios

[1] Universidade do Estado da Bahia (UNEB); Doutorando PPGEduC/UNEB; georgetoncorreia@educacaosalvador.net.
[2] Universidade do Estado da Bahia (UNEB); Doutoranda PPGEduC/UNEB; viani.soares45@gmail.com.

ISSN 2674-7227

(Oliveira; Nascimento; Hetkowski, 2023). Tais dispositivos operam sobre corpos (Walsh, 2017) racializados, sexualizados e generificados, e instituem uma hierarquia que é, simultaneamente, colonial, patriarcal, capitalista, cisgênera e heteronormativa. A colonialidade não se limita ao controle material dos territórios ou dos recursos, mas também se estende à produção de subjetividades, linguagens e corpos, naturalizando normas que definem quem pode existir, como existir e sob quais condições se pode existir. As linguagens coloniais atuam como dispositivo de poder, não apenas organizando sentidos e discursos (González e González-Monteagudo, 2023), mas também demarcando os limites do que é reconhecido como existência legítima, conhecimento válido e subjetividade possível.

Articulados a partir dos movimentos sociais LGBTQIAPN+, os Estudos Queer se apresentam como aliados importantes no fortalecimento das epistemologias e práticas decoloniais. Desestabilizar as normatividades de gênero e sexualidade é também desestabilizar as bases ontológicas e epistêmicas da colonialidade. A defesa de existências dissidentes não se configura apenas como uma escolha teórica, mas como um compromisso ético, político e epistemológico com a dignidade, a justiça e a re-existência de todos os sujeitos historicamente desumanizados por projetos moderno/coloniais.

Considerando a provocação de discutir inovações sobre a formação docente frente às demandas estudantis e às questões socioeducativas implicadas na produção do conhecimento nos espaços destinados à formação de professores e ao diálogo entre pesquisadores e educadores, nos propusemos a realizar uma revisão de literatura com o objetivo de mapear e analisar pesquisas que articulam Estudos Queer e Formação Docente. Nosso intuito foi investigar como essas produções tensionam as normatividades cisheteronormativas presentes na escola e, sobretudo, como podem contribuir para a construção de práticas formativas docentes comprometidas com a justiça social, a diversidade e a desconstrução das violências estruturais que atravessam os processos educativos.

Metodologia

O corpus de análise para a discussão apresentada neste texto foi construído a partir de uma busca na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), a partir de duas locuções - "Estudos Queer" AND "Escola" e "Estudos Queer" AND "Formação Docente" - considerando trabalhos publicados a partir de 2019[3]. A busca resultou em 28 trabalhos (8 teses

[3] A busca foi realizada em 31/05/2025

ISSN 2674-7227

e 22 dissertações), em sua maioria produzidos dentro do âmbito de uma universidade pública (19 federais, 8 estaduais e 3 privadas).

Procedemos a leitura desse corpus a partir da Análise do Conteúdo proposta por Bardin (2016). A partir da interpretação das categorias que emergiram, organizamos os dados em 03 (três) blocos distintos que nos pareceram sintetizar os estudos, conforme os apresentamos a seguir.

Resultados e discussões

Os textos que formam o primeiro conjunto evidenciam como as experiências corporais, as infâncias dissidentes e as práticas performativas se tornam espaços de disputa no contexto escolar. O conceito de gênero como ato performativo, desenvolvido por Judith Butler[4] (2018), emerge como elemento central. Abreu (2023), Fazzione (2023) e Além (2023) discutem como identidades de gênero são construídas nas interações escolares, nas práticas pedagógicas e nas vivências cotidianas. Frossard (2023) e Moreira (2019) apresentam reflexões que destacam como as identidades de gênero se constroem também a partir das narrativas pessoais, das expressões artísticas, das práticas educativas e das trajetórias escolares de crianças, jovens e educadores. São pesquisas que mostram como as experiências, os afetos e os encontros são fundamentais na constituição de quem somos.

Num segundo grupo, reunimos as pesquisas que tensionam a cisheteronormatividade, entendida como o regime normativo que naturaliza a existência de apenas dois gêneros, alinhados ao sexo biológico, e pressupõe que a heterossexualidade é o único destino desejável e legítimo. É o que denunciam, por exemplo, Silva (2022) e Araújo (2021) ao investigarem experiências de pessoas trans (mulheres, travestis ou homens trans) em espaços educacionais, especialmente no confronto com as normas cisheteronormativas presentes na Educação Básica e no Ensino Superior. As experiências escolares aparecem como espaços de disputa, resistência e, muitas vezes, violência simbólica e material.

[4] Refutando a ideia de que o gênero seja algo fixo, determinado biologicamente ou naturalmente, os teóricos dos Estudos Queer advogam que as identidades de gênero são produzidas e reproduzidas, continuamente, através de atos performativos, linguagem, e normas sociais. Para Butler (2018), o gênero não pode ser compreendido como algo que a pessoa "é", mas em termos de algo que a pessoa "faz". Dito de outra maneira, a identidade de gênero é um conjunto de atos, gestos e comportamentos que, ao serem repetidos, reiterados, criam a ilusão de uma identidade de gênero estável e coerente.

ISSN 2674-7227

O último grande grupo de trabalhos analisados abordam as Epistemologias Críticas e Decoloniais na Formação Docente. Essas produções tensionam não apenas a cisheteronormatividade, mas também os epistemicídios, ou seja, a negação de saberes e existências dissidentes. As epistemologias decoloniais, dialogando com os Estudos Queer, oferecendo uma chave crítica para pensar a formação docente desde uma perspectiva que rompe com a colonialidade do saber, do ser e do poder. Assim, construir práticas pedagógicas queer-decoloniais é também construir espaços de existência e resistência na escola.

Considerações finais

Os resultados apresentados demonstram que as produções acadêmicas que articulam Estudos Queer e formação docente revelam movimentos de resistência, tensionamento das normatividades e produção de saberes que desestabilizam a cisheteronormatividade nas práticas educativas. Os Estudos Queer oferecem aportes teórico-metodológicos importantes para pensar uma formação docente comprometida com a diversidade, a justiça social e a desconstrução de violências estruturais presentes nos espaços escolares.

Uma perspectiva decolonial implica o reconhecimento das múltiplas formas de opressão, atravessadas pelo legado colonial e suas relações de poder, para desnaturalizar categorias rígidas de identidade e conhecimento hegemônico. Tal abordagem amplia a possibilidade de uma educação libertadora, que valorize saberes marginalizados e promova a emancipação dos sujeitos em suas diversidades. Defender a introdução dos Estudos Queer nos programas de formação docente é, portanto, um posicionamento ético, político e pedagógico, alinhado às urgências contemporâneas. Essa inserção é necessária para formar educadoras e educadores capazes de reconhecer, acolher e transformar as múltiplas existências que habitam a escola, contribuindo para práticas educativas antirracistas, antissexistas e descolonizadoras.

REFERÊNCIAS

ABREU, Ana Clébia Santos de. **Gênero e infâncias**: corpos e(m) gestos que se re(significam). 2023. 67 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação) - Departamento de Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2023.

ALÉM, Yuri Gabriel Vieira Além. **Geografia das sexualidades**: desafios e estranhamentos no contexto escolar. 147 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdades de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2023.

ARAÚJO, Samuel Moreira de. **As trajetórias escolares de homens trans**: da educação básica ao ensino superior. 2021. 175 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2018

FAZZIONI, Mateus Junior. **Deixem as crianças brincar**: o ensino do teatro na visibilização e acolhimento das crianças em dissidência. Dissertação (Curso de Moda) - Udesc, 2023.

FROSSARD, Kele. **Juventude queer**: modos de subjetivação, construção da abjeção e focos de resistência. 2023. 1 v. Dissertação (Mestrado) - Curso de Promestre - Mestrado Profissional de Educação e Docência, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.

GONZÁLEZ, Miguel Alberto González; GONZÁLEZ-MONTEAGUDO, José. **Descolonizar los Lenguajes de los poderes**. Práxis Educacional, Vitória da Conquista, v. 19, n. 50, p. 1-1, 3 fev. 2023. Disponível em: https://tinyurl.com/pnndbzju. Acesso em: 05 jun. 2025.

MOREIRA, Ana Paula Vasconcellos. **"Garotos podem brincar de chazinho"**: quirizando as práticas pedagógicas na educação em visualidades. 2019. 136 f., il. Dissertação (Mestrado em Arte)—Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

OLIVEIRA, Angelo Dantas de; NASCIMENTO, Antônio Dias; HETKOWSKI, Tânia Maria. **Decolonizar o povo para descolonizar os sistemas de educação**: entre as fissuras e semeaduras. Práxis Educacional, Vitória da Conquista, v. 19, n. 50, p. 1-23, 3 fev. 2023. Disponível em: https://tinyurl.com/2s4c7724.

SILVA, Thaynara Oliveira da. **Narrativas (auto) biográficas e vivências de gêneros de mulheres transexuais em Senhor do Bonfim - Bahia**. 75f. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos - PPGESA, Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro-BA, 2022.

WALSH, C. **Gritos, grietas y siembras de vida**: Entretejeres de lo pedagógico y lodecolonial. In: WALSH, C. (Org.). Pedagogías decoloniales: Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. TOMO II. Quit-Equadro: Ediciones Abya-Yala, 2017. p. 17-48

ISSN 2674-7227